

TRAVESTIS BRASILEIRAS EM PORTUGAL: TRANSMIGRAÇÕES E GLOBALIZAÇÃO – A INDÚSTRIA DO SEXO TRANSNACIONAL

Denize de Aguiar Xavier Sepulveda¹
José Antonio Miranda Sepulveda²

LUÍS, Francisco J. S.A.. **Travestis Brasileiras em Portugal: Transmigração e globalização. A indústria do sexo transnacional.** Lisboa, Portugal: Chiado Books, 2018.

O pesquisador Francisco J. S. A. Luís dedicou dez anos de pesquisa a temática das travestis brasileiras em Portugal. Esse amplo trabalho resultou em sua tese de doutorado que foi publicada em formato de livro. Em sua investigação procurou colher pistas das estratégias e mobilidades de ação tecidas por algumas das travestis brasileiras que emigraram para Portugal no final da década de 90 do século XX.

O interesse sobre a pesquisa, segundo o autor, surgiu da necessidade em se confrontar com o *outro* antropológico e tentar sinalizar a importância de expor essa alteridade, sob muitos aspectos objeto de uma dinâmica socioantropológica de invisibilização.

Segundo Luís, foi o confronto com a alteridade, que aparentemente se opõe à realidade, que o impulsionou a desenvolver a pesquisa de doutorado, bem como as dificuldades que surgem desse processo. Nesse sentido, para ele, esses obstáculos estão na base de vários conflitos e dilemas presentes nos cotidianos de muitas sociedades. O contato com a instabilidade, mutabilidade e fluidez das travestis brasileiras apresentou-se a ele como um exercício de redefinição de fronteiras e dogmas.

Outra questão que impulsionou o autor a investigação foi o desafio de escrever um trabalho acadêmico que pudesse ser lido e interpretado por pessoas que não fossem especialistas. Para isso, tentou conciliar uma narrativa dinâmica, baseada nas vidas das travestis brasileiras, com as dificuldades vivenciadas por essas pessoas. Segundo Luís, esta investida foi necessária, pois possibilitou cruzar as viagens internas do eu, com os fluxos migratórios constitutivos dos séculos XX e XXI, buscando, assim, evidenciar como tais viagens estão interligadas.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Formação de Professores. E-mail: denizesepulveda@hotmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9049-5200>

² Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: jamsepulveda3@hotmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4460-7704>

É importante enfatizar que na realidade portuguesa o autor foi um dos primeiros pesquisadores a se preocupar com o tema em pauta. Sendo um defensor da causa dos direitos humanos, demonstrou interesse em investigar se as travestis brasileiras estavam vivendo com dignidade e tendo seus direitos fundamentais respeitados em Portugal.

Atualmente, vivemos um tempo em que as injustiças sociais já não geram indignação moral e vontade política para combatê-las. Nesses tempos, alguns grupos sociais são vítimas do ódio e do preconceito, vemos aumentar no mundo o neocolonialismo, o racismo, a misoginia, a xenofobia a lgbtfobia e tantos outros discursos preconceituosos e práticas discriminatórias. Assim, o autor do livro evidencia a necessidade de se lutar por uma sociedade mais democrática, justa e digna, na qual as travestis sejam reconhecidas como sujeitos de direitos.

Os Direitos Humanos estão baseados na linguagem da dignidade humana, portanto os grupos sociais oprimidos precisam deles para garantir sua sobrevivência e diminuir seu sofrimento. Preocupado com a dignidade das travestis brasileiras em terras lusitanas, Francisco Luís investiga as estratégias de mobilidade intranacional e transnacional tecidas por elas.

O autor faz uma interessante analogia entre as migrações de gênero e/ou sexo e as migrações relativas às viagens, ao turismo, enfatizando a oscilação entre uma casa, bio-social-cultural de gênero, e um fora de casa, referindo-se a uma conjuntura de acolhida, na qual existe a diferença entre migração e turismo.

Como antropólogo, sabendo da necessidade de conviver mais de perto com as travestis brasileiras, morou por seis meses com uma de suas informantes; desse modo, pode acompanhar bem de perto as experiências pelas quais passavam. Pode-se dizer que essa vivência funcionou como uma espécie de lente de leitura, ajudando o autor a compreender melhor as características, performances e discursos enquanto identidades em viagens.

Um dos aspectos que buscou entender, relaciona-se a maneira com que as travestis que entram de forma ilegal em Portugal, recorrem aos meios legais para ter os direitos que os demais cidadãos possuem. Essa é sem dúvida uma questão a ser ponderada, uma vez que, na maioria das vezes, estão em situação de “clandestinidade e marginalidade social”.

A pesquisa realizada e apresentada nesse livro, procura, segundo o autor, contribuir para a desinvisibilização das identidades trans e auxiliar num importante debate que nos desloca e provoca.

Na primeira parte do livro estabelecemos contato com conceitos importantes, como travestis, transexuais, transgêneros, migrações, gêneros, crossdressers, drag-queens, intersexo, assim como algumas análises sobre as viagens e migrações de gêneros, tendo como embasamento referências diretas e indiretas de outros autores que fundamentam as argumentações do autor.

Igualmente é estabelecida uma discussão sobre o papel da linguagem e da gíria na incorporação de modelos de subjetividade e na estruturação da experiência. Para Luís (2018, p. 44), “a incorporação de modelos de subjectividade (...) ressurge quando as travestis se elaboram como pessoas em múltiplos contextos relacionais, recriando significados e instituindo eficácias legitimadoras de suas práticas”.

Segundo o autor, o fazer e refazer do corpo das travestis é veículo de linguagem, reflete instabilidade e gera uma eficácia dupla. “O corpo *não* é apenas uma linguagem por si, como também se constitui como objeto de produção do discurso sobre si. (...) Nesse sentido, o corpo não enquadra apenas as experiências enquanto linguagem que as reflecte e organiza, como ele próprio se converte em experiência estruturada pela linguagem” (p. 45).

A segunda parte enfoca as mobilidades das travestis, evidenciando que os seus cotidianos nos são apresentados. Exibe a rede de relação delas com a estrutura social portuguesa, com as outras pessoas, com os outros grupos e com os membros dos seus próprios grupos. Segundo o autor, são as relações estabelecidas nessas redes que possibilitam a especificidade da identidade das travestis brasileiras em Portugal.

Ainda na segunda parte, a abordagem etnográfica da pesquisa nos é exposta. Os cotidianos das travestis e suas experiências são revelados. Uma dessas experiências diz respeito à aplicação clandestina de silicone pelas travestis, segundo Luís (2008, p. 172) “O silicone desempenha no âmbito da narrativa travesti uma importância fulcral e sendo em grande parte o motivo que desencadeia a sua mobilidade, constitui-se num marcador hierarquizante nas relações estabelecidas entre elas e entre elas e a estrutura”.

Como já foi sinalizado, Luís conviveu de perto com as travestis brasileiras; além de morar com uma delas, convivía socialmente com outras, acompanhando-as em festas, jantares e outros locais.

Para o autor a grande maioria dessas mulheres emigrou motivada pelo desejo de “*mobilidade social e economia ascendente*”, assim como também precisavam ajudar suas famílias. Da mesma forma que os demais emigrantes, elas almejavam outros projetos de cidadania, como segurança econômica e mobilidade social.

O autor também recolheu dados por quatro anos, em quatro sites da internet, os quais se tornaram fontes potentes para a pesquisa, uma vez que permitiu o acompanhamento da entrada das travestis em Portugal e a saída para outras cidades da Europa.

Além das exposições sobre os motivos que as levam a sair do Brasil, o autor explana sobre as relações de poder e hierarquia presentes na sociedade e as estratégias de sobrevivências desenvolvidas por elas, principalmente em relação aos atos de violência.

Ele explicita que a pesquisa realizada buscou perceber e percorrer diferentes equações e contextos, como também procurou compreender as estratégias desenvolvidas pelas travestis brasileiras entre “a abertura e o fechamento ao *outro* que as oprime, aceita ou simplesmente ignora e, numa outra escala, às estruturas nas quais se movem (...)” (p.192).

A terceira parte da obra exhibe as conclusões do autor sobre sua pesquisa com as travestis brasileiras que vivem em Portugal, suas viagens, seus percursos, identidades e ambiguidades. É na sociedade global que elas acham espaço para a experiência transnacional e comunitária das viagens trans. Brasil, Europa, Portugal, cidades, migração, trabalho e ocupação são questões imprescindíveis para as suas viagens geográficas e identitárias.

O livro “Travestis Brasileiras em Portugal: Transmigrações e Globalização – A Indústria do Sexo Transnacional” possibilita aos leitores a apreciarem os motivos que levam as travestis a viajarem para Portugal e como algumas delas vão em seguida para outros países da Europa e, eventualmente, retornam ao solo português.

A pesquisa foi realizada com doze travestis que tiveram violências praticadas contra elas, como um dos motivos de suas saídas do Brasil. Assim, acreditam que a viagem para outro país possibilita maior segurança, porém, percebe-se por seus relatos, que as práticas de violência continuam as acompanhando.

É importante mencionar que as análises feitas neste livro são frutos do olhar masculino de um pesquisador português, podendo, portanto, serem alvos de críticas das travestis brasileiras que porventura não se reconheçam em tais apreciações.

Todavia, não se pode esquecer que esta obra é resultado de uma das primeiras pesquisas antropológicas desenvolvidas em Portugal sobre a temática e também que o autor tinha como um de seus objetivos principais “(...) *destituir as travestis brasileiras da conotação quase que omnipresente com a marginalidade. Como todos os migrantes que cruzam geografias, pretendem alcançar novos projetos de cidadania, segurança e mobilidade social ascendente*³”.

Nesse sentido, podemos dizer que o objetivo de Francisco Luís foi atingido. Portanto, recomendamos a leitura desta obra. Ela possivelmente trará ao leitor o despertar de diálogos e também alguns questionamentos; no entanto, acredito que reside justamente nesses aspectos a importância da obra.

**Submetido em outubro de 2019.
Aprovado em dezembro de 2019.**

³Entrevista do autor dada à **Revista Divulga Escritor** e publicada em 6 de setembro de 2018.